



## Editorial

**Elias Wolff**  
**Dirce Gomes da Silva**

Quando os colonizadores portugueses chegaram no Brasil, em 1500, os povos indígenas brasileiros somavam uma população de três milhões, divididos entre 1.000 povos diferentes. Mas desde então, houve um enorme decréscimo da população indígena, por campanhas de invasão de suas terras, extermínio, epidemias e escravidão. Calcula-se que 700 das 1.200 nações indígenas foram exterminadas em cinco séculos, e eles somam hoje apenas 900.000 pessoas, ou 0,4% da população do país, divididos em 305 grupos étnicos. Mas esses povos resistem bravamente. São 522 anos de luta por sobrevivência, a defesa de suas terras e por direitos básicos. Buscam manter suas culturas, suas tradições religiosas e seu estilo de vida. As transformações sociais dificultam essa luta, e os povos indígenas sofrem intensa discriminação e desrespeito ao direito à pluralidade étnica afirmado na constituição federal do Brasil em 1988. A invasão de suas terras por empresas mineradoras e fazendeiros as transformam em vastas áreas de pasto e de plantação de soja e cana-de-açúcar. Como consequência, muitas comunidades indígenas estão morando em reservas superlotadas, enquanto outras passaram a morar sob lonas na beira das estradas ou se deslocam para as periferias das cidades.

Não obstante, os povos indígenas do Brasil resistem e ensinam. Resistem ao que os discrimina, marginaliza, fere sua dignidade e seus direitos. E ensinam uma sabedoria milenar, de respeito, de paz e de justiça entre pessoas, povos e na fraternidade criatural pela relação com a natureza.

Felizmente, eles não estão sozinhos. Muitas organizações lhes são solidárias. Entre elas, o Conselho Missionário Indigenista (Cimi) da Igreja católica, que em 2022 celebra 20 anos; o Conselho de Missões entre Povos Indígenas (COMIN), da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; as redes de Justiça Ambiental e dos Povos Indígenas da Comunhão Anglicana, que tem importante expressão no Brasil. São algumas das organizações de comunidades religiosas, e felizmente outras há também na sociedade civil, que constroem com os índios do Brasil uma louvável história de fortalecimento da memória, resistência e utopia.

Este número de *Caminhos de Diálogo* contribui para divulgar e refletir a realidade dos povos indígenas no Brasil e suas lutas. *Resistindo* a todo tipo de violência e *ensinando* a sabedoria do amor e do bem viver, é como vemos esses povos. Neste dossiê, dialogamos com eles, articulando forças de conscientização e de justiça para com suas causas. O fazemos num horizonte sociocultural, interdisciplinar, ecumênico e inter-religioso, partilhando conhecimentos e práticas de solidariedade para com os nossos povos originários.

Assim, Lucia Helena Rangel, Laudovina Aparecida Pereira e Maristela Nunes Vitória, tratam da bacia do rio Formoso, mostrando a utilização da água pelo agrohidronegócio e suas consequências para os povos indígenas da região; Justino Sarmiento Rezende fala da cuia de água e ipadu - narrativa da origem da terra, mulher e homem tukano; Luciana Galante escreve sobre naturezas e culturas, apresentando elementos míticos e aspectos da espiritualidade guarani mbyá; Iara Tatiana Bonin e Roberto Antonio Liebgott escrevem sobre a necropolítica e violências contra os povos indígenas no Brasil; Saulo Ferreira Feitosa descreve os povos indígenas e seus projetos de bem viver; Paulo Suess e José Agnaldo Gomes tratam da questão pós-colonial e pós-conciliar nos 50 anos do Conselho Indigenista Missionário em defesa dos povos indígenas; Lucia Helena Rangel fala da realidade dos povos indígenas, suas territorialidades, economias e direitos, bem como resistências e persistências; Robson Silva Oliveira e Daniela dos Reis Chagas discorrem sobre o contexto dos povos indígenas na região metropolitana de São Paulo, tratando das lutas e resistências no espaço urbano; Roberto Ervino Zwetsch e Sandro Gallazzi refletem sobre o mito de criação dos mbyá-guarani do Paraguai e um possível diálogo com a narrativa do Gênesis bíblico; e Juan José Tamayo apresenta uma teologia indígena nos caminhos de *sumak kawsay y compasión*.

Além do dossiê, este número de *Caminhos do Diálogo* conta com as resenhas de Jefferson Zeferino, que trata da obra que apresenta o princípio pluralista de Claudio de Oliveira Ribeiro; e de Dirce Gomes da Silva, que apresenta o livro organizado por Clovis Antonio Brighenti e Egon Dionísio Heck *O movimento indígena no Brasil: da tutela ao protagonismo* (2021), obra que se situa nos caminhos do diálogo inter-religioso e social de uma Igreja solidária com os povos indígenas que buscam a “terra sem males”. Este número da revista traz, ainda, crônicas e, na documentação, a *Mensagem das águas do Brasil às águas do mundo* enviada pela Rede Ecumênica da Água (REDA-Brasil) ao *IX Fórum Mundial Alternativo da Água* de 2022.

Os(as) leitores(as) de *Caminhos de Diálogo* encontram neste número subsídios importantes para a compreensão da realidade dos povos indígenas no Brasil, estreitando sua postura solidária para com suas lutas. Urge fortalecer a solidariedade, com reflexão e ação de incidência política e jurídica, em favor de nossos povos originários, sobretudo neste tempo em que no cenário político do Brasil se agravam as violações dos seus direitos e o desmonte das políticas públicas que favorecem a regularização de seus territórios. Boa leitura! ✨